

A poética do cotidiano doméstico, de Lucinda Nogueira Persona, sob a regência de Cronos.

Marta Helena COCCO; Maria Zaíra TURCHI
Pós-graduação em Letras e Lingüística - UFG
martacocco@uol.com.br

Palavras-chave: poesia e imaginário, mitocrítica, poesia brasileira contemporânea.

Este resumo é uma apresentação inicial da tese em desenvolvimento sobre a obra poética de Lucinda Nogueira Persona, que reúne cinco livros de poemas publicados até o presente. A autora, radicada em Cuiabá-MT, é uma das importantes vozes da lírica brasileira contemporânea.

A pesquisa é estritamente bibliográfica e se baseia na análise dos poemas a partir das teorias do imaginário. Estão sendo considerados: o método da mitocrítica, de Gilbert Durand (1993), para a investigação das imagens obsessivas da autora com a finalidade de se chegar ao mito diretivo de sua obra; o conceito de imagem como símbolo, a partir de estudos do conceito de metáfora, proposto por Paul Ricoeur (2009), além do conceito de imagem como produto da ação imaginante desenvolvido por Gaston Bachelard (1988) a fim de evidenciar o tratamento dado à imagem poética; a distinção dos regimes de imagens elaborada por Gilbert Durand (1997), para se investigar a que regime está filiada a produção da autora; as relações entre os gêneros e os regimes, formulada por Zaíra Turchi (2003), para comprovarmos a predominância da ligação entre o regime noturno das imagens e o gênero lírico e, também, métodos de análise formal do texto poético para demonstrarmos de que modo a forma participa da configuração de uma atitude lírica introspectiva do eu poético.

Inicialmente situamos a poesia da autora num conjunto de poetas que publicam no Brasil, hoje, sob o signo da diversidade. Encontramos em Theodor Adorno (2003), Hegel (1997) e Alfredo Bosi (2000) o amparo teórico para compreender essa produção como um meio de resistência, num contexto que se caracteriza como hostil à palavra poética. A resistência, nos moldes

elaborados por esses teóricos, realiza-se de diversas formas, sendo uma delas, a remitologização. Assim, optamos por estudar qual mito dirige sua obra e como ele se configura conforme o trajeto antropológico que leva em conta as motivações individuais e da cultura.

Sobre o isolamento do eu poético em ambientes domésticos e o conseqüente dar as costas aos ruídos do mundo externo, descobrimos que se trata de uma decisão sob a forma de recolhimento, introspecção e negação de uma ordem aparente instaurada ideologicamente no cenário do caos contemporâneo. Estar entre seres e coisas, contemplar a paisagem e vislumbrar suas camadas mais profundas é, para o Eu poético, permitir-se o exercício da intimidade e da reflexão, banidos de uma vida frenética em que o trabalho e outros deveres sociais conduzem as pessoas para um desenfreado consumo, a fim de sustentar o dinamismo do mercado.

Fizemos um inventário das imagens obsessivas, aquelas que se repetem incessantemente na poética da autora. Depois, buscamos os sentidos simbólicos das imagens obsessivas e constatamos que elas possuem uma face ambígua, indicando, simultaneamente, destruição e regeneração. A partir dessa constatação, não foi difícil identificar o mito de Cronos permeando a poética da autora. De acordo com Junito Brandão (2009) a palavra cronos foi identificada com khrónos que em grego significa tempo. O pesquisador enfatiza a identificação semântica: “Crono devora, ao mesmo tempo que gera; mutilando a urano, estanca as fontes da vida, mas torna-se ele próprio uma fonte, fecundando Reia.” (Brandão, 2009, vol I, p.208). Os poemas a seguir exemplificam a presença latente desse mito e seu modo de reconfiguração:

QUANDO AFIRMO

Que as flores me encantam
Não é sem um certo desconforto
Estão nos meus quadros
Transbordam nos meus jarros
Mas
Nunca me ajoelhei na terra
E revolvi o humo
Nem sujei as unhas

Para plantar uma semente.

(PIG, p.51)

As flores, nesse poema, são motivo de encantamento para o eu poético. Entretanto, esse encantamento não se dá de um modo feliz, como poderia se esperar, e sim com um duplo desconforto: o indício da vida inanimada (flores nos vasos/ nos quadros) e não realização de nenhum ato que garanta a perpetuação da vida (plantar/sujar as unhas/ revolver o humo/ semente). Temos aí uma tensão antitética: de um lado a flor, sendo parte reprodutiva de uma planta, dispondo de órgãos femininos, contém o poder de perpetuação; de outro, a sua presença se dá na forma inanimada e na consciência de uma ausência.

Muitas outras imagens em diversos poemas aparecem com esses sentidos. Nos dois últimos livros isso também se repete, mas, nota-se, com mais freqüência, uma outra atitude lírica. Em vez da triste constatação da efemeridade, a certeza feliz de que a vida está além da finitude da matéria e encontra seu meio mais eficaz de perpetuação na palavra:

Viver é descobrir de súbito
Que pode ser sempre novo
 Um fato de todos os dias
 (pela vista dos meus olhos)

Não há sol que morra
Sem que o declare
A meu modo e maravilha
Além da qual, se algo existe,
 É menor,
 Bem menor
Que outros sintam o mesmo, Senhor.
(Tempo Comum, p. 59)

Aqui, a imagem do sol que se põe não mais é vista como indício de tristeza pela passagem, mas com a alegria da descoberta de que as coisas se renovam, são cíclicas. A morte, finalmente, não mais atemoriza, pois dela virá

uma nova vida. Essa descoberta é tão extasiante que o Eu, invocando uma força mística superior, quer reparti-la.

Pelo inventário realizado, podemos dizer que as imagens obsessivas da poesia de Persona são sempre imagens com algum significado germinativo ou gerador de vida: flores, frutos, sementes, ovos, animais, a própria linguagem e Deus. Todos, sem hierarquia (para o eu lírico), exceto Deus, são doadores de sentido para a existência, são a existência e, automaticamente, estão sujeitos à ação do tempo e à morte, que, num movimento circular, originará nova vida. Cronos, em toda a sua potência, aparece remitologizado nos seres e eventos do cotidiano. Seu efeito devorador, mimetizado na foice que corta os testículos, também está na faca que corta os alimentos, no tempo que resfria e mata os ovos, na flor artificial desenhada no jarro, etc. Mas os testículos, uma vez na água, matriz de vida, geram a palavra, a poesia. Pela palavra, a grande pulsão de vida do Eu, está revelada a síntese do imaginário poético de Lucinda: embora o tempo passe e a morte seja uma certeza, embora seja rotineiro o cotidiano, os sentidos de renovação e ressurgimento, o caráter cíclico da natureza, a promessa da transcendência estão sempre latentes e, por fim, são determinantes.

Posteriormente, em estudo ainda não concluído, estamos estabelecendo as relações entre o gênero lírico e o regime noturno das imagens. Em Lucinda, verifica-se um movimento de introspecção e descida e uma conseqüente emersão que traz a síntese do processo de eufemização e se converte em compreensão da ciclicidade da matéria e do tempo. Nessa fase, encontra-se a face regeneradora de Cronos, justamente no poder de perpetuação da palavra, superior ao da matéria orgânica e capaz de superar a longevidade da própria poeta.

Por fim, pretendemos analisar o ritmo e outros aspectos formais da poesia de Lucinda, pois, pela materialização da linguagem, objetivamos compreender por que o sentido da audição se faz quase inexistente em sua obra. Temos, como hipótese, a importância do silêncio como aliado da atitude introspectiva, de descida e intimidade, para a aventura lírica de compreender os desígnios de cronos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Theodor W. “Palestra sobre lírica e sociedade” em: **Notas de literatura I**. trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003 (p.65 a 90).

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio Dumesil. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOSI, Alfredo. “Poesia-resistência” em: **O ser e o tempo da Poesia**. 6ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.163 a 227.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega, vol I**. 21 Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral**. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____ **De La mitocrítica al mitoanálisis**. Figuras míticas y aspectos de La obra. Trad. Alain Verjat. Barcelon: anthropos, 1993.

HEGEL, G.W.F. **Curso de estética – o sistema das artes**. Trad. Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins fontes, 1997.

PERSONA. Lucinda Nogueira. **Ser Cotidiano**. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998.

_____ **Tempo comum**: Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação. O discurso e o excesso de significação**. Trad. Artur Morão. Lisboa, Portugal: Ed. 70, LDA, 2009.

TURCHI, Maria Zaíra. **Literatura e antropologia do imaginário**. Brasília: Ed. da UNB, 2003.